

Arte e teoria na *Crítica da faculdade de julgar* : o paradigma simbólico

Embora os filósofos tenham por vezes sonhado com uma formalização lingüística que permitiria a perfeita determinação dos conceitos em discursos nos quais nada restaria a interpretar, a sua produção se caracteriza por uma certa indeterminação que surge tanto do elemento metafórico inelutavelmente associado ao trabalho conceitual quanto da carga expressiva inerente à língua. É isto que confere aos discursos teóricos uma dimensão estética e uma consistência histórica: o que eles visam não se deixa expor *more geometrico*, mas se apresenta a cada vez provisoriamente numa forma historicamente condicionada, isto é, numa obra de prosa. Análoga à obra de arte, a obra de pensamento não se limita à simples argumentação conceitual. Como os artistas, os pensadores criam imagens. Eles elaboram metáforas e alegorias, inventam histórias, comentam mitos e objetos artísticos, entre outros recursos. Por outro lado, como sugere Blumenberg citando a *Crítica da faculdade de julgar*, são ainda imagens – metáforas absolutas, irredutíveis à esfera conceitual – que orientam o pensamento e conferem sentido ao trabalho do conceito. Assim, nem sempre é fácil distinguir a produção filosófica da literária. Alguns autores contemporâneos procuraram mesmo eliminar a separação entre esses dois domínios. Mas será que a abolição das fronteiras entre poesia e teoria não teria como conseqüência uma simples inversão do ideal cartesiano de formalização da apresentação filosófica? Como pensar a relação entre imagem e conceito sem cair no relativismo ou num irracionalismo radical?

Tematizada pela primeira vez por Kant, a questão da dimensão poética da apresentação teórica diz respeito à relação entre idéia e símbolo. Segundo a *Crítica da razão pura*, enquanto cristalização do desejo de infinito no finito que caracteriza a razão, a idéia é o *focus imaginarius* que orienta toda construção conceitual visando o conhecimento. Assim, os conceitos da razão abrem o campo da experiência e do conhecimento sem serem eles mesmos objetos do conhecimento. No entanto, se as idéias não podem ser objetivamente determinadas, elas também não são radicalmente indetermináveis. Segundo o § 59 da *Crítica da faculdade de julgar*, a exposição das idéias não se faz de maneira direta e esquemática, como a dos conceitos do entendimento, mas elas podem ser apresentadas indiretamente por meio de símbolos que nos permitam pensá-las a partir de uma analogia. Assim, toda construção teórica seria marcada por uma operação de ordem estética, isto é, por um processo de construção simbólica que caracteriza também, embora de outro modo, a arte.

Segundo o § 49, o gênio artístico é capaz de associar atributos estéticos aos conceitos para produzir idéias estéticas, isto é, representações da imaginação que dão muito o que pensar, mas não correspondem a nenhum pensamento determinado ou conceitualmente determinável. Kant as chama de “idéias”, pois essas percepções reflexivas às quais nenhum conceito pode se adequar tendem a algo que se situa além dos limites da experiência, e procuram assim se aproximar de uma apresentação das idéias intelectuais das quais elas são o contrário e a contrapartida. Pois se aos conceitos da razão nenhuma intuição pode ser adequada, as idéias estéticas são intuições às quais nenhum conceito determinado pode corresponder. Assim, elas dão à imaginação a ocasião de se aplicar a uma multidão de representações aparentadas que animam a faculdade de julgar e abrem para a reflexão uma perspectiva inaudita. Ao paradigma simbólico da apresentação filosófica corresponde assim um novo interesse pelo elemento teórico na arte sobre o qual se funda a possibilidade da crítica estética.

Rompendo com o paradigma físico-matemático característico dos tempos modernos e sem dúvida ainda da *Crítica da razão pura*, a *Crítica da faculdade de julgar* é a primeira obra filosófica que exclui por princípio a possibilidade de se forjar uma terminologia exata para a

apresentação filosófica. Ao tematizar a apresentação simbólica das idéias, Kant funda um novo paradigma que abre caminho para algo que podemos considerar como uma virada estética em filosofia. Esse paradigma simbólico, que ultrapassa a dicotomia entre o racionalismo das Luzes e o irracionalismo do *Sturm und Drang*, coincide com o interesse dos primeiros românticos pelos recursos retóricos e pela carga poética dos textos teóricos e contribui significativamente para o desenvolvimento da hermenêutica (F. Schleiermacher). Por outro lado, a reflexão sobre a dimensão estética da apresentação filosófica está ligada à identificação e à valorização da reflexão na arte, questão que aparece na terceira crítica com o conceito de idéia estética, e que também é tematizada pelos românticos (em particular por F. Schlegel) a partir do conceito de crítica de arte. Para situar o exame textual dos § 49 e § 59 da *Crítica da faculdade de julgar*, examinaremos a metacrítica de Hamann, que denuncia a terminologia matemática da *Crítica da razão pura* e chama atenção para a relação entre esquematismo e linguagem verbal. Nesse trabalho de contextualização, proporemos também uma reconstrução da Querela do Panteísmo que, opondo o racionalismo de Mendelsohn ao irracionalismo de Jacobi, precede a solução encontrada por Kant com os conceitos de símbolo e de conhecimento simbólico.

Primeira aula

- Esquematismo e linguagem
A metacrítica de Hamann
O princípio das afinidades como modo de funcionamento do esquematismo

Sugestões de leitura :

“Do esquematismo dos conceitos puros do entendimento”, *Crítica da razão pura*

“Apêndice à Dialética Transcendental”, *Crítica da razão pura*

§ 59, *Crítica da faculdade de julgar*

Segunda aula

- A apresentação simbólica (§59)
Simbolização e reflexão
Símbolo, idéia e conceito
Afinidade e analogia : a semelhança simbólica
A dimensão simbólica da língua

- A questão da teologia : um paradigma simbólico para o conhecimento (§59)
A Querela do Panteísmo : Mendelsohn / Jacobi
“Como se orientar no pensamento ?”

- O Belo é o símbolo do Bem moral (§ 59)
Analogia entre o livre jogo das faculdades de conhecimento e a liberdade

Sugestões de leitura:

§ 59, *Crítica da faculdade de julgar*

“Como se orientar no pensamento?”

Terceira aula

- Arte e teoria (§ 49)
O conceito de “alma” (*Geist*) : princípio vivificante do espírito (*Gemüt*)
Idéias estéticas, idéias da razão e conceitos
O uso livre do princípio das afinidades
Idéia estética e o sublime na arte
Idéia estética e linguagem
O gênio

- Arte, reflexão e interpretação a partir da *Critica da faculdade de julgar*
“Forma simbólica” e crítica estética (F. Schlegel, W. Benjamin)
Compreender é uma arte (F. Schleiermacher)
A “alma” da interpretação (P. Ricoeur)

Sugestões de leitura:

§49, *Critica da faculdade de julgar*

Benjamin, W. “A idéia da arte”, *O Conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*

Bibliografia:

Benjamin, W. *O Conceito de crítica de arte no Romantismo alemão* (trad., prefácio e notas Marcio Seligmann-Silva), São Paulo : Iluminuras/Edusp, 1993. *Der Begriff der Kunstkritik in der deutschen Romantik*, in : *GS*, I-1, Frankfurt/Main, Suhrkamp, 1991

Blumenberg, H. *Paradigmen zu einer Metaphorologie*, Frankfurt/Main : Suhrkamp, 1998

Hamann, J. G. *Aesthetica in nuce, Métacritique du purisme de la raison pure et autres textes*, Paris : Vrin, 2001

_. *Vernunft ist Sprache. Hamanns Metakritik Kants*. (edição comentada por O. Bayer com a colaboração de Benjamin Gleede e Ulrich Moustakas), Stuttgart-Bad Cannstatt, Fromman-Holzboog, 2002

Kant, I. *Critica da razão pura* (tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão), Lisboa : Calouste Gulbenkian, 1997. *Kritik der reinen Vernunft*, (hg. W. Weischedel), Frankfurt/Main, Suhrkamp, 1974

Kant, I. *Critica da faculdade do juízo* (tradução de Valério Rohden e Antonio Marques), Rio de Janeiro : Forense Universitaria, 1995. *Kritik der Urteilskraft* (ed. por W. Weischedel), Frankfurt/Main, Suhrkamp, 1974

Kant, I. « *Qu'est ce que s'orienter dans la pensée?* » (introduit, traduit et annoté par Alexis Philonenko), Paris : Vrin, 2001

Lacoue-Labarthe, Ph. et Nancy, J-L. *L'Absolu littéraire. Théorie de la littérature du romantisme allemand*, Paris : Seuil, 1978

Philonenko, A. *Commentaire de la Critique de la faculté de juger*, Paris : Vrin, 2010

_. « Science et opinion dans la *Critique de la faculté de juger* », in : *Sur la troisième « Critique »* (ed. e apresentação por Dominique Janicaud) Paris : Ed. de l'Éclat, 1994

Ricoeur, P. *La Métaphore vive*, Paris : Seuil, 1975

Schlegel, F. *Conversa sobre a poesia e outros fragmentos* (tradução, prefácio e notas de Victor-Pierre Stirnimann), São Paulo : Iluminuras, 1994

Schleiermacher, F. D. E. *Herméneutique. Pour une logique du discours individuel* (trad. Christian Berner) Paris : Cerf/P.U.L (« Passages »), 1987

Tavoillot, Pierre-Henri. *Le Crépuscule des Lumières. Les documents de la querelle du panthéisme. 1780-1789*, Paris : Cerf, 1995